

MESA QUE FALA: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA SOCIOEDUCATIVA NUMA BIBLIOTECA ESCOLAR DE ANGRA DOS REIS/RJ

TABLA QUE HABLA: INFORME DE UNA EXPERIENCIA SOCIOEDUCATIVA EN UNA BIBLIOTECA ESCOLAR EN ANGRA DOS REIS/RJ

Marcio Bernardino Sirino 1

Resumo: Este presente trabalho objetiva socializar uma experiência de mediação da leitura desenvolvida em 2017 e 2018 num Centro de Educação em Tempo Integral (CETI) localizado na Ilha Grande, em Angra dos Reis/RJ. Inspirado nas contribuições do educador catalão Xésus Jares, foi criada a “mesa que fala” a fim de propiciar aos estudantes, da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, uma convivência mais harmoniosa no espaço da sala de leitura. Para a finalidade a que se destina este artigo, traz-se uma escrita narrativa aglutinando momentos de relato de experiência, de estudo de caso e, ainda, de pesquisa autobiográfica (Oliveira, 2010; Oliveira e Geraldi, 2010; Alves, 2001), que vem contribuindo para a construção de outra forma de produção de conhecimento e que entra em correlação com dilemas enfrentados no cotidiano escolar, a pouca contrapartida do poder público e, ainda, a ‘crise’ na identidade do profissional lotado neste espaço educativo chamado ‘biblioteca escolar’.

Palavras-chave: Dinamização da Leitura. Convivência. Mesa que Fala.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo socializar una experiencia de mediación de lectura desarrollada en 2017 y 2018 en un Centro de Educación de Tiempo Completo (CETI) ubicado en Ilha Grande, en Angra dos Reis/RJ. Inspirada en las contribuciones del educador catalán Xésus Jares, la “mesa que habla” fue creada para proporcionar a los estudiantes, desde la Educación de la Primera Infancia y los Primeros Años de Educación Primaria, una convivencia más armoniosa en el espacio de la sala de lectura. A los efectos de este artículo, la escritura narrativa reúne momentos de experiencia, estudio de casos e investigación autobiográfica (Oliveira, 2010; Oliveira y Geraldi, 2010; Alves, 2001), que ha contribuido a la construcción de otra forma de producción de conocimiento y que se correlaciona con los dilemas enfrentados en la rutina escolar, la pequeña contraparte de las autoridades públicas y, aún, la ‘crisis’ en la identidad del profesional que trabaja en este espacio educativo llamado ‘biblioteca escuela’.

Palabras clave: Mediación de la Lectura. Convivencia. Mesa Parlante.

Introdução

*“Ilha, Ilha meu grande amor.
Ilha é pra lá que eu vou
Pra recarga de afeto”¹.*

Desde quando retornei do Mestrado em Educação, no ano de 2017, trouxe para o Centro de Educação em Tempo Integral Monsenhor Pinto de Carvalho², contribuições de Xesús Jares por compreender que a Biblioteca Escolar se configura num espaço de convivência no qual os alunos, livremente, refletem, desenvolvem afetividade, carinho, respeito e solidariedade – um pelo outro – bem como despertam o gosto pela leitura, constroem o hábito de pegar livros emprestados e, neste bojo, ampliam sua formação.

Figura 1. Praia de Enseada das Estrelas, Ilha Grande/AR.



Fonte: Registro do Autor (2017).

Xesús Jares, educador catalão, criou em 2008 a Pedagogia da Convivência enquanto uma forma de estruturação do trabalho educativo para os espaços escolares perspectivando-se alcançar a educação a partir de dois pressupostos fundamentais: os Direitos Humanos e a Educação para a Paz.

Desse modo, Jares (2008) elencou princípios elementares para a construção de uma ‘Pedagogia’ que proporcionasse uma convivência entre os diferentes sujeitos do processo socioeducativo. Para isso, categorizou 3 (três) conteúdos básicos para o início do exercício da prática educativa que respeita os direitos humanos e a paz, a saber:

¹ Fragmento da Música “Ilha, Grande Amor”, de Tânia Lima e Edinho Lima, que ganhou em primeiro lugar no Tema Ecologia, no XII Festival de Música e Ecologia da Ilha Grande (2008).

² Unidade Escolar localizada na Praia de Enseada das Estrelas, Ilha Grande, Angra dos Reis/RJ, em que atuei como auxiliar de biblioteca de 2011 a 2012 e, depois, de 2017 a 2018.

Conteúdos de natureza humana: direito à vida e ao desejo de viver, à dignidade, à felicidade, à esperança.

Conteúdos de relação: ternura, respeito, não violência, aceitação da diversidade e rejeição a qualquer forma de discriminação, solidariedade, igualdade.

Conteúdos de cidadania: justiça social e desenvolvimento, laicismo, estado de direito, direitos humanos (JARES, 2008, p. 29).

Assim, para além do “viver em comum”, a Pedagogia da Convivência se nos apresenta enquanto uma possibilidade de prática pedagógica sistematizada e fundamentada na construção de valores considerados “universais” que contribuem para o fortalecimento da educação.

Conviver significa viver uns com os outros com base em certas relações sociais e códigos valorativos, forçosamente subjetivos, no marco de um determinado contexto social. Estes polos que marcam o tipo de convivência estão potencialmente cruzados por relações de conflito, o que de modo algum ameaça a convivência. Conflito e convivência são duas realidades sociais inerentes a toda forma de vida em sociedade (JARES, 2008, p. 25).

Atualmente, pode-se perceber o quanto a convivência com o outro está sendo comprometida – justamente pela estrutura de sociedade capitalista em que estamos inseridos na qual a forma de se relacionar com o outro vem sendo modificada, a adesão de aparelhos eletrônicos é potencializada e os laços humanos se encontram fragilizados, cotidianamente.

Na compreensão de Bauman (2004), estamos inseridos numa sociedade ‘líquido-moderna’ que vem produzindo seres egocêntricos, individualistas, adeptos ao consumo exacerbado e ao estabelecimento de relações por meio de interesses que contribui para o distanciamento entre as pessoas e a construção de processos de desigualdade social em diferentes espaços, como podemos observar junto às ponderações de Graciani (2011, p. 96):

A negação do outro, diferente de mim, tem sido considerada, no mundo contemporâneo, um dos piores fatores geradores de conflitos sociais, dissabores pessoais, revoltas e agressões, entre outros. A invisibilidade do outro que está ao meu lado é um dos componentes do processo da exclusão, seja ela causada por preconceito étnico, cultural, religioso, por discriminação de gênero, opção sexual ou desigualdade social (p. 96).

Esta realidade pode ser encontrada em todos os espaços educativos, inclusive, nas bibliotecas escolares. Quando os elementos apontados por Jares não são levados em consideração, pelos educadores sociais, professores e demais profissionais da educação, acredita-se que os vínculos humanos se fragilizam ainda mais e a convivência fica comprometida dificultando, assim, a promoção de uma educação, verdadeiramente, integral.

Sendo assim, direcionei minhas ações educativas voltadas para os momentos de diálogo com os alunos sobre a importância de se respeitar o espaço da biblioteca, manter o silêncio adequado para a leitura livre, ter cuidado com os livros e demais materiais dispostos e, ainda, abrindo canais de reflexão sobre os livros lidos pelos alunos, suas impressões e a interpretação

que tiveram – tudo isso, a cada dia, nos horários de recreio, espontaneamente.

Contextualização/Desabafo

Quando retornei para esta escola, envolvi-me em muitas ações, cotidianamente: lavei o espaço que seria destinado a uma sala de leitura – no pátio, para que os alunos tivessem melhor acesso nos horários de recreio; mandei fazer, do meu próprio dinheiro, um banner sobre a Biblioteca Escolar Tatiana Belinky – onde atuava; separei do acervo todos os livros de literatura infantil e infanto-juvenil para inserir na sala de leitura; desci as estantes e os livros para o novo espaço educativo; pintei a mesa de madeira velha que tinha disponível e, ainda, dois bancos para que os alunos pudessem utilizar dentro da sala de leitura; comprei, também do meu dinheiro, um jogo de banheiro e um potinho de sabonete líquido para que os alunos pudessem usar o banheiro acoplado à sala de leitura; organizei todo o espaço de pesquisa, de livro didático e, ainda, de vídeo – que a sala da Biblioteca (no segundo andar) também comportava.

Emprestava livros diariamente; nos momentos de recreio, conversava com os alunos sobre os livros e oferecia papel de rascunho para eles desenharem – e eles adoravam que eu fizesse dobraduras de avião e de barco. Além destas ações, selecionava sugestões de livros para que as professoras pudessem trabalhar com as crianças, de acordo com as temáticas abordadas em cada momento; participava de diversas reuniões de coordenação – construindo o projeto da escola, dando sugestões, ajudando, ao longo do dia, a fazer memorandos, bilhetes, slides de reuniões, pautas de coordenação, mudanças na estrutura física – quando trocamos de lugar a sala da direção, o arquivo morto, almoxarifado etc. e, ainda, ajudei na realização do inventário da escola, confecção de históricos dos alunos, na tomada de orçamentos para compra de materiais para a escola, idas ao Banco – ações diversas que pude contribuir por perceber que, há muito tempo, a diretora à época estava sozinha, sem apoio profissional nem pessoal para pensar o cotidiano da escola e propor novos olhares sobre o processo formativo de nossas crianças.

Dormia altas horas da madrugada fazendo algum documento junto à direção, estudando sobre Educação Integral e(m) Tempo Integral, ajudando na organização e ornamentação da escola, em dias de festividades, conselhos de classe, reuniões de pais e/ou responsáveis. E, neste bojo, lutei muito pela qualificação da nossa política municipal de Educação em Tempo Integral – participando de diversas reuniões, questionando as decisões impostas, elaborando quadros de horário, documentos, apontamentos e tentativas inúmeras de melhor qualificar nossas escolas e, conseqüentemente, a aprendizagem das crianças.

Tanto lutei para que as professoras não perdessem o RTI (dobra na carga horária) por entender que a permanência das professoras em regime de tempo integral contribuía para a manutenção de um trabalho mais integrado e articulado. Sempre priorizei a articulação entre o trabalho técnico e pedagógico dentro da Biblioteca, mas, com o tempo, fui questionando o meu papel e entrando numa crise muito grande de identidade profissional por não saber como eu deveria atuar frente ao desmonte da Educação Integral e(m) Tempo Integral em Angra dos Reis, ausência de suporte nem referência para o profissional lotado nas bibliotecas escolares – e, sobretudo, a desvalorização profissional.

Mas, mesmo assim, todos os dias, tinha um momento em que ficava com um aluno que, em 2017, estava na Pré-escola II, intervindo nos seus momentos de crise – nos quais xingava, cuspiam, debochava, saía correndo, gritando e, ainda, chorava muito.

Em pensar que fui ao Centro de Atendimento Psicológico (CAPSI) tentar conseguir um encaixe para uma avaliação; fui com o aluno e com a sua mãe numa triagem, fiz vários relatos e documentos para conseguir ajudar a esta criança. E, ainda, nos intervalos, conversava com outros alunos que se comportavam de maneira inadequada.

Inúmeras vezes fui à sala de aula chamar a atenção de grupos de alunos e dar apoio às Mediadoras de Aprendizagem que dinamizavam atividades de Língua Portuguesa e Matemática no Programa Novo Mais Educação (PNME)³ – outro fator complicador que veio desmante-

³ Criado pela Portaria 1.144/2016, visa “melhorar a aprendizagem em Língua Portuguesa e Matemática no ensino fundamental” (BRASIL, 2016) – na perspectiva de contribuir para o aumento das notas do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IBEB). Este Programa, criado pelo Governo Federal amplia a jornada escolar

lando ainda mais a política municipal.

Tantos feitos... Muitos mais que nem listados aqui foram, mas que não produziram nenhuma valorização por parte da escola como um todo e, também, da Secretaria Municipal de Educação de Angra dos Reis/RJ.

Ações Socioeducativas

Decidido a não assumir turmas nem fazer agendamentos com grupos para atividades específicas de ‘dinamização da leitura’ por entender que estas ações não faziam parte do meu papel – enquanto “Auxiliar de Biblioteca”, inseri outras ações no cotidiano que pudessem – direta ou indiretamente – contribuir para a formação de alunos leitores e, assim, dar uma dimensão pedagógica à Biblioteca Escolar.

Abaixo, sinalizo algumas ações desenvolvidas:

- Exposição de livros, dentro da biblioteca, num canto específico – para despertar a curiosidade dos estudantes;
- Constante modificação na arrumação da biblioteca – para que os alunos se surpreendessem e percebessem a biblioteca, sempre, de uma forma diferente;
- Empréstimo de Livros – sempre com mediação sobre a escolha do livro, adequação ao ano de escolaridade do aluno e, ainda, apresentando indagações sobre como foi a leitura, ao devolver a obra;
- Oferta de folhas de rascunho para que os alunos fizessem desenhos livres;
- Atualização do mural com desenhos das crianças, frases poéticas e mensagens reflexivas;

Mas, e a “Mesa que fala”?

Sentindo a necessidade de fazer uma nova reorganização na Sala de Leitura, na semana do Dia das Crianças, tirei um dia para ficar, além da minha carga horária, trabalhando na escola – pensando novas ações educativas. Sendo assim, a entrada da sala de leitura, que estava num lado, eu passei para o outro. Com a ajuda da diretora, colocamos uma cortina de TNT numa pequena janelinha e, ainda, enfeitamos o mural com restos de EVA.

A fim de potencializar as atividades socioeducativas, fiz um cartaz perguntando “Qual livro da nossa biblioteca você mais gosta” e coleí na parede com duas canetinhas ao lado para que os alunos expressassem suas preferências. Mudei a mesa central e em cima dela coloquei um “Caderno de Escrita Espontânea” – para que os alunos, livremente, pudessem tecer suas construções, deixar um recadinho e/ou um desenho, como pode ser observado nas ilustrações a seguir, mas sentia que, ainda, faltava alguma coisa.

Figura 2. Mural Expositivo.



Fonte: Registro do Autor (2017).

dos educandos em 5h ou 15h a mais e prevê a inserção de Mediadores de Aprendizagem (Português e Matemática) e de Facilitadores de Aprendizagem (para Atividades Complementares dos Campos: Artes, Cultura, Esporte e Lazer), além de um Articulador (Profissional de, pelo menos, 20 horas semanais lotado na escola para coordenar as ações educativas desenvolvidas pelo PNME).

Figura 3. Sala de Leitura.



Fonte: Registro do Autor (2017).

Figura 4. “Escrita Espontânea”.



Fonte: Registros do Autor (2017).

Figura 5. “Qual livro você mais gosta?”



Fonte: Registro do Autor (2017).

Como os alunos gostam muito de desenhar e as folhas de rascunho já haviam acabado, fiz o seguinte: peguei duas folhas de papel 40 quilos no almoxarifado e, com o auxílio de fita crepe, colei as folhas sobre a mesa velha – aquela que eu tinha pintado, se lembram? – a fim de que os alunos tivessem um espaço para desenhar. Aí, com potinhos de tinta guache vazios e lavados, que os encapei com EVA e com tirinhas de TNT, disponibilizei para os alunos canetinhas, lápis, giz cera e lápis de cor.

Figura 6. Mesa que fala.



Fonte: Registro do Autor (2017).

Observações

Não tinha como deixar de perceber a surpresa no olhar das crianças. Primeiro por ter feito esta pequena mudança física na Sala de Leitura e, segundo, por oportunizar um espaço afetivo de convivência – no qual as crianças se sentiram felizes em entrar, desenhar, dialogar umas com as outras e aprender – sempre.

Digo isso, pois, certo dia, no horário de recreio da turminha do Pré-escolar, vieram, de uma única vez, umas oito ou dez crianças – todas querendo escrever na ‘mesa’. Momento em que fiz a mediação sobre a necessidade de cuidar dos materiais, de não colocar a canetinha na boca, de guardar de volta nos potinhos cada material e, ainda, de saber dividir com o colega – inclusive o espaço do papel 40 quilos, respeitando o desenho feito pelo amigo e utilizando outros espaços da “Mesa Que Fala”.

Figura 7. Dinamização na “mesa que fala”.



Fonte: Registro do Autor (2017).

Resultado(s)

Percebo que o maior retorno é a alegria dos alunos. Pequenas expressões de felicidade, considerações e demonstração de carinho revelam que as crianças se sentiram valorizadas e que gostaram do afago pedagógico, como pode ser observado nos recortes de diálogos e/ou de registros na “mesa que fala”, inseridos, a seguir.

“Tio, eu posso desenhar aqui?” – perguntou Ellen.

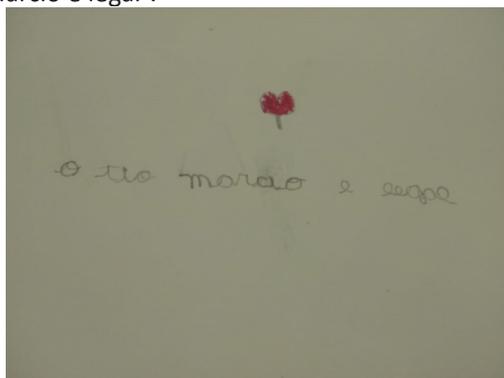
_ “Sim, minha flor”.

_ “Tio, esse é o melhor Dia Das Crianças” – relatou Renata, com alegria.

_ “Tio, eu vou chamar as outras crianças” – se animou Rebeca.

_ “O tio Marcio é legal” – escreveu Tales na “Mesa Que Fala”.

Figura 8. “O tio Marcio é legal”.



Fonte: Registro do Autor (2017).

Referências

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho: o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In.: ALVES, N. e OLIVEIRA, I. B. (Orgs). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

GRACIANI, Maria Stela Santos. A formação do educador social e a Pedagogia da Convivência. In.: RAMOS, Marcos Fadaneli; ROMAN, Artur. **Educadores Sociais: a Importância da formação na implementação de tecnologias sociais**. Brasília, DF: Fundação Banco do Brasil, 2001.

JARES, Xesús R. **Pedagogia da Convivência**. São Paulo: Palas Athenas, 2008.

OLIVEIRA, Inês Barbosa; GERALDI, João Wanderley. Narrativas: outros conhecimentos, outras formas de expressão. In.: OLIVEIRA, I. B. (Org.). **Narrativas: outros conhecimentos, outras formas de expressão**. Petrópolis, RJ: DP et Alii. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2010.

OLIVEIRA, Inês Barbosa. (Org.). **Narrativas: outros conhecimentos, outras formas de expressão**. Petrópolis, RJ: DP et Alii. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2010.

Recebido em 21 de janeiro de 2020

Aceito em 17 de março de 2021